

# PMDB quer o Senado inteiro

JEOVA FRANKLIN  
Da Editoria de Política

O objetivo do PMDB em Brasília é nada modesto e, para muitos, até mesmo impossível. O partido quer conquistar no dia 15 de novembro todas as cadeiras do Senado e pelo menos a metade da bancada brasileira na Câmara dos Deputados. Tal façanha está sob a responsabilidade de um engenheiro eletricitista, aficcionado em informática, pequeno empresário, consultor de empresas e diretor de uma fundação de estudos políticos que nunca disputou uma eleição livre e direta.

Grças a este perfil de fazer inveja a qualquer Nova República, o presidente regional do PMDB, Milton Seligman, foi acusado pelo presidente do segundo maior partido de Brasília, Osório Adriano Filho (PFL), de ser apenas um tecnocrata mal iniciado em política. Acusação que ele não rebateu e diz agora tê-la assumido. Tanto que é um dos poucos dirigentes de partidos no Distrito Federal que não se transformou em candidato.

Num raciocínio lógico, como se fosse por computador, Seligman demonstra e prova que o seu distanciamento da disputa por uma candidatura foi a melhor opção que ele e o partido poderiam ter tomado: "Alguém tinha de ficar na retaguarda preocupando-se com os problemas do partido, que são muitos".

E na arte de conduzir os muitos e graves problemas de um partido classificado pelo governador José Aparecido como "um conjunto de líderes em busca de líderes". Milton Seligman tem-se mostrado nos momentos mais críticos antes e acima de tudo um hábil

negociador.

Essa habilidade, nada tecnocrática, ele demonstrou ao conduzir a crise em que a maioria dos membros da Executiva do PMDB pretendia um rompimento formal com o governador de Brasília e ele, em posição minoritária, conseguiu transformar a proposta radical numa lícita declaração de independência do PMDB com relação ao GDF.

Ele chegou à presidência do maior partido de Brasília via Fundação Pedrosa Horta, pelas mãos de Pedro Simon. Gaúcho, sua maior experiência político-eleitoral aconteceu em eleições para diretórios acadêmicos da Universidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul.

Com passagem também pelo MDB jovem de Santa Maria — 1973 —, de onde chegou ao Instituto de Estudos Políticos e Sociais do MDB gaúcho, hoje Fundação Pedrosa Horta. De lá foi a Santa Catarina, contratado por uma empresa estatal de energia elétrica, desembarcando em Brasília em 1977, como engenheiro da Eletronorte.

Aqui, começou a frequentar o CEBRAD-Centro Brasil Democráticos, grupo que funcionaria como o embrião do MDB de Brasília, mais tarde fundado na clandestinidade sob a liderança de Maerle Ferreira Lima, seu primeiro presidente.

Em sua escalada, fez parte dos diretórios zonal do Plano Piloto e regional do PMDB, e foi responsável pela elaboração do projeto de informática para a Secretaria Geral do diretório nacional, caminho aberto à sua frente. Participou também da Comissão de Municipalista da Fundação Pedrosa Horta, onde chegou a diretor-secretário.



Seligman, um equilibrista no partido

Ainda como tecnocrata Milton Seligman se envolveu com a campanha pelas Diretas Já e com a eleição de Tancredo Neves, tendo como instrumento de trabalho o computador. E valioso, revela que o prognóstico de sua equipe deixou de ser integralmente concretizado no colégio eleitoral por uma diferença de cinco votos a mais do que o previsto.

Demonstrando uma perfeita identidade entre ele e o discreto microcomputador, seu imprescindível instrumento de trabalho, Milton explica, sem consultar a geringonça, como espera para o PMDB resultados melhores do que os atualmente previstos, reinterpretando os dados das

últimas pesquisas divulgadas.

De um lado, coloca 70 mil votos para o quociente eleitoral do Deputado Federal em Brasília, acrescenta uma pitada de 10% de votos nulos, mexe noutro número e retira da disputa todos os partidos pequenos e médios. Ai, faz a batalha se resumir a dois contendores — o PMDB versus PFL. Em fogo brando, separa 24% da preferência demonstrada pelo eleitorado para a Frente Liberal e junta os 52% que nos seus cálculos pertencem ao PMDB hoje.

Dado aqui, dado acolá, o bolo fica mais condimentado com os números dos indecisos que, a seu ver, esperam apenas chegar mais perto do pleito para se defi-

nir pelos hoje desconhecidos candidatos do PMDB. Afinal, para ele, a maioria da população, em vez da dúvida já tem sua opção partidária. Logicamente o partido que preside.

E o pior é que com tanta argumentação o bolo servido por Milton acaba crescendo, criando o paladar, dúvida de que o PMDB vai mandar para a Câmara dos Deputados evitar dizer quem são, em sua receita, os eleitos.

Discretamente, como tudo que faz, o presidente do diretório regional do PMDB só não consegue esconder que após novembro, Osório Adriano, presidente do PFL de volta a suas empresas vai ter que mudar de opinião a seu respeito,